



C A P Í T U L O 11

A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9241325010811>

Maria Eduarda Cortes Santos

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago

Milene Wojahn Nicola

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago

Laisa Mello Oliveira

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago

Marisangela Spolaôr Lena

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago

Há diversas teorias que explicam o desenvolvimento da personalidade. Apesar de não haver consenso entre os pesquisadores da área, optou-se seguir com a definição de Roberts e Mroczek (2008), a qual apresenta a personalidade como padrões de traços que costumam ser permanentes e características singulares que tornam o ser humano singular e individual. Para que compreenda-se melhor, ao decorrer do capítulo, serão elucidadas algumas teorias das quais foram primordiais aos estudiosos da área. Após a compreensão histórica da personalidade, pode-se criar pressupostos de quais influências as emoções têm neste processo, visto que, elas são o resultados de interações humanas e da compreensão que os indivíduos têm destas, sendo permeadas, segundo a neuropsicologia, por questões evolutivas (Fonseca, 2016).

PERSPECTIVA HISTÓRICA

O interesse sobre a personalidade humana, não é novidade e provém de milhares de anos. Hipócrates (séc. IV-VA.C) apresentou a teoria dos “Humores Corporais” para explicar estados de saúde e doença e a forma como as pessoas se apresentam no mundo. Posteriormente, Galeno desenvolveu a tipologia apresentando quatro temperamentos primários, quatro “secundários” e um “ideal” (Ito; Guzzo, 2002).

Sigmund Freud (1856-1936) criou a primeira teoria moderna da personalidade e apresentou a ideia de que a vida mental humana está dividida em dois grandes níveis: o consciente e o inconsciente. O nível consciente abrange os pensamentos, percepções e sentimentos dos quais o indivíduo tem plena consciência em determinado momento. Já o inconsciente compreende os conteúdos reprimidos, desejos e impulsos que permanecem fora do alcance direto da consciência, mas que influenciam de maneira significativa os comportamentos e as emoções do sujeito (Feist et al., 2015).

Essa estrutura da mente, conforme apresentado por Feist et al. (2015) ao expor o pensamento freudiano, evidencia que os processos emocionais e os comportamentos não se originam apenas de decisões racionais ou conscientes, mas são amplamente determinados por forças inconscientes que moldam a formação da personalidade e o modo como o sujeito vivencia e expressa suas emoções. Além dos níveis da vida mental, Freud, conforme apresentado por Feist et al. (2015), reformula a sua teoria e propõe que a personalidade é estruturada por três instâncias psíquicas fundamentais: o id, o ego e o superego. Essas instâncias representam diferentes funções do aparelho psíquico e “interagem de modo dinâmico, influenciando os pensamentos, sentimentos e comportamentos humanos” (Feist et al., 2015, p. 20).

Segundo Freud, a personalidade saudável depende do equilíbrio entre essas três instâncias. “Um ego forte é capaz de equilibrar as exigências do id, do superego e da realidade, garantindo o funcionamento adaptativo da personalidade” (Feist et al., 2015, p. 22). Quando esse equilíbrio se rompe, os impulsos inconscientes tendem a se manifestar de forma distorcida, revelando conflitos emocionais que influenciam diretamente a formação da personalidade e o modo como o indivíduo vivencia suas emoções.

Carl Gustav Jung também apresentou o seu olhar perante a personalidade, com a psicologia analítica, uma teoria que se diferencia da psicanálise freudiana por enfatizar não apenas os conteúdos reprimidos da mente, mas também os aspectos herdados da experiência humana (Santos, 2021). Para Jung, a personalidade é o resultado da interação de forças opostas, consciente e inconsciente, racional e irracional, masculino e feminino, que precisam ser equilibradas no processo de individuação, isto é, o caminho em direção à autorrealização. Assim, sua teoria concebe o ser humano como uma totalidade em constante busca de harmonia entre os opostos que o constituem (Feist et al., 2015).

Erik Erikson propôs uma teoria pós-freudiana que ampliou os estágios de desenvolvimento de Freud, incorporando as dimensões sociais e históricas na formação da personalidade. Em sua abordagem, conhecida como teoria psicossocial, Erikson defendeu que o desenvolvimento ocorre ao longo de oito estágios, desde a infância até a velhice, e que em cada um deles o indivíduo enfrenta uma crise

psicossocial que pode fortalecer ou enfraquecer o ego. Para ele, o ego é uma força positiva e criativa, responsável por formar a identidade pessoal e ajudar o sujeito a lidar com os desafios da vida. Conforme Feist et al. (2015, p. 149), “cada estágio depende do desenvolvimento das etapas anteriores e prepara o indivíduo para as crises futuras”.

Erik Erikson (1968), também apresentou um olhar primordial para a psicologia, com a teoria psicossocial do desenvolvimento, introduziu conceitos fundamentais como a crise de identidade, destacando a adolescência como um momento crucial na construção do “eu”. Dessa forma, sua teoria enfatiza que o desenvolvimento da personalidade é um processo contínuo, moldado pela interação entre o indivíduo e o contexto social em que está inserido.

Ao final do século XX surge a teoria evolucionista, a partir das considerações de David Buss. A mesma, assume que as origens dos traços de personalidade remontam da evolução humana, que, por sua vez, possui o pressuposto de que cada membro da espécie difere dos demais (Feist; Feist; Roberts, 2015). Sua teoria se baseia na ideia de problemas adaptativos e suas soluções ou mecanismos. Apresentando os mecanismos evoluídos (traços de personalidade) como adaptações, assim como as emoções, que alertam os indivíduos se algumas situações são prejudiciais ou benéficas (Lazarus, 1991).

Skinner (1974), com o Behaviorismo Radical, também apresentou um olhar teórico para a personalidade. Para ele, a cultura obteve um papel importante na modelagem da personalidade humana, sendo a seleção natural a responsável pelas práticas culturais que sobreviveram, focando principalmente em comportamento, mas não negando a presença de eventos “não observáveis”. Reconheceu as emoções, mas para ele, estas seriam passadas para a prole como consequência de reforçadores ambientais (Feist; Feist; Roberts, 2015).

TEORIA DOS CINCO GRANDES FATORES (BIG FIVE)

Atualmente, a teoria dos Cinco Grandes Fatores é a mais bem aceita pelos estudiosos da Personalidade. Com base em análise fatorial, os pesquisadores concordam que há cinco traços dominantes da personalidade, que de acordo com a teoria, são denominados fatores (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010).

Um dos principais nomes foi o de Raymond B. Cattell (1905- 1998) o qual dividiu os traços em comuns, singulares e superficiais, influenciando indiretamente McCrae e Costa. Os quais, após pesquisas aprofundadas, ao final de 1980, passaram a acreditar que uma estrutura estável da personalidade havia sido encontrada (Feist; Feist; Roberts, 2015).

Segundo Nunes; Hutz e Nunes (2010) para McCrae e Costa, os cinco fatores têm as seguintes explicações: o neuroticismo e a extroversão se apresentam como os traços mais presentes na personalidade; pessoas com escores altos em *neuroticismo*, tendem a ser ansiosas, temperamentais, autoconscientes, vulneráveis, já pessoas com altos índices de *extroversão* podem ser afetuosas, joviais, falantes, divertidas; *abertura a novas ideias*, quando em um índice elevado, pode ser observada em indivíduos que procuram novas experiências e questionam os valores tradicionais. O fator de *realização* descreve características como organização, persistência, controle e motivação que as pessoas apresentam e há ainda o fator de *socialização*, ao qual descreve a qualidade das relações sociais e os tipos de interações que um indivíduo apresenta mesmo com diversos sentimentos.

Os traços também foram vinculados ao humor (McNiel; Fleeson, 2006), porém mesmo com as pesquisas ao longo dos anos sobre esta afirmação, não fica claro se o humor influencia os índices dos fatores, ou se por conta destes índices, há a experiência do humor, no entanto, estudos como os de McNiel e Fleeson (2006) nos apresentaram a perspectiva de que o comportamento influencia a forma como nos sentimos, por tanto, ao se comportar de maneira extrovertida, os indivíduos tendem a relatar possuírem sentimentos positivos, assim como ao se comportarem de forma introvertida, tendem vivenciarem emoções negativas (Feist; Feist; Roberts, 2015). Ao decorrer do capítulo, serão apresentadas outras perspectivas sobre as emoções e vinculações a respeito destas.

EMOÇÕES

No cérebro humano, as emoções estão associadas principalmente ao sistema límbico, envolvendo a integração de diferentes áreas responsáveis por respostas motoras e sensoriais. Para James (2013), a emoção é resultado das alterações fisiológicas que ocorrem diante de um estímulo: primeiro o corpo reage, e apenas depois o sujeito percebe essas mudanças como emoção. Assim, o estado emocional tem origem em modificações corporais, tanto visíveis quanto internas.

Vigotsky (1997) contestava a teoria de James, uma vez que acreditava que as emoções são funções psicológicas superiores, culturalizadas e passíveis de desenvolvimento, transformações ou novas aparições e não podem ser pormenorizadas apenas a órgãos e seu funcionamento. Portanto, criou sua própria teoria onde aproxima as emoções a outros processos psicológicos do psiquismo humano (Machado et. al 2011).

Se for perguntado a um ser humano o porquê sentiu determinada emoção, a resposta virá seguida de algum comportamento ao qual o levou a sentir isso, porém, o mesmo comportamento direcionado a outra pessoa pode, não necessariamente,

causar a mesma emoção (Baumeister, 2007). Uma ideia amplamente aceita para a terapia cognitivo comportamental, quando falamos em emoção, é a de que, a interpretação dos fatos é o que nos leva a sentir algo e não o acontecimento em si, fazendo com que sejamos passíveis de diversas distorções cognitivas que são coordenadas por nossas experiências anteriores e enfermidades (Silva, 2014).

As emoções fazem parte de um sistema de processamento de informações cerebral e provém da evolução das espécies, trazendo vantagens de sobrevivência, pois acionam mecanismos automáticos em determinadas situações, porém, podem adquirir novos significados que variam de acordo com as interações com o ambiente (Mendes, 2015). As mesmas podem fazer com que nos direcionamos para aquilo que nos afeta positivamente e nos afastamos do que afeta negativamente (Greenberg, 2019).

A definição de Greenberg, possibilita a compreensão de que o ser humano busca a permanência em situações que lhe gerem alguma sensação positiva, mas isso não significa que necessariamente estas situações façam bem do ponto de vista psicológico, da sociedade ou físico, um exemplo disto está no consumo de alimentos hiper palatáveis, uma vez que geram sensações de prazer, afetam o organismo de forma negativa. Alguns mecanismos de defesa também podem ser usados como exemplo, estes não apresentam consequências imediatas, mas sociais de longo prazo, pois na tentativa de não sentir emoções negativas, seres humanos podem se afastar de grupos sociais, ou relações amorosas e não se inserirem em novas, afastando-se do convívio e impactando em seu bem estar emocional, uma vez que o humano é um animal social, e já existem pesquisas que observam o impacto que o isolamento social gera ao cérebro (Xiong, 2022).

Após observarmos algumas perspectivas de teorias do que seriam as emoções, podemos compreender que elas envolvem nossas compreensões de situações e comportamentos, tanto nossos, como de outros seres, assim como mecanismos de defesa. Uma vez que buscamos nos manter em situações onde somos afetados positivamente, nossos comportamentos e processos intrapessoais (personalidade) serão moldados ao redor do que compreendemos como positivo e se distancia do que interpretamos como negativo (Lazarus, R. S., 1991).

PERSONALIDADE E EMOÇÕES, COMO ESTÃO RELACIONADAS?

Em nosso cérebro, possuímos um agrupamento de células denominadas “Neurônios Espelho”, estas são ativadas quando observamos algo ou realizamos (Freitas; Santos, 2021). Os neurônios espelho são responsáveis por diversos aprendizados do cotidiano social e cultural, toda a vez que observamos comportamentos sociais, eles são despertados e a partir disso, aprendemos e realizamos novos comportamentos.

Partindo do pressuposto neurológico, podemos interligar a um importante fator para a formação da personalidade segundo Aminjanovna (2013) denominado relações interpessoais. Para a autora, a partir do contato com outros seres, há a análise de valores, comportamentos, princípios que possibilitará a assimilação, a partir de seu interior, com o que se identifica.

Ao buscar compreender sobre as emoções e a personalidade, nos defrontamos com uma barreira invisível que limita nosso acesso, dado que não podemos observar aspectos de nosso psiquismo. Então, ao tentar explicar esses fenômenos, escritores e pesquisadores da área se aproveitam de observações comportamentais e fisiológicas que são vinculadas e correlacionadas a eles (Greenberg; Sanfran, 1987). Apesar das divergências entre teorias, todas elas demonstram, em algum grau, a importância do vínculo emocional ao explicar comportamentos e funcionamentos internos, uma vez que as emoções podem ser vistas como reforçadores de comportamentos, defesas frente a desafios, ou até mesmo, resultados de interpretações do processamento cerebral. Por tanto, será utilizado o termo “comportamento” como um resultado que advém de emoções e da personalidade, em conjunto.

O comportamento é frequentemente explicado através de três conceitos, são eles: *causas internas psíquicas*, *causas interiores conceituais* ou *causas neurais*. As causas internas psíquicas provêm de agentes interiores, podendo ser denominados como psíquicos, já as neurais, costumam ser atribuídas ao sistema nervoso, enquanto as interiores conceituais apresentam a ideia de que o comportamento pode ser explicado através tudo que foi interiorizado e passou a provocar seus comportamentos (Luzia et. al 2019).

A verdade é que não são apenas as emoções que impactam na formação da personalidade, assim como sentir elas, não é resultante da personalidade, mas ambas se vinculam como aspectos uma da outra. Visto que, as emoções irão impactar na criação de respostas padrão para os estímulos e por tanto, no desenvolvimento da personalidade, essa, por sua vez, irá impactar na forma como iremos interpretar as situações cotidianas e como nos sentiremos a respeito delas (Larcen, 2010).

A personalidade pode ser moldada pela interação entre fatores genéticos e ambientais e cria uma rede de influências, portanto, requer um olhar multidisciplinar, para que seja compreendida de maneira mais abrangente (Fernandes; Silva, 2023). Anjos (2013) defende que a personalidade não nasce, mas é feita ao longo da vida, se caracterizando como um processo de desenvolvimento humano que ocorre com as relações sociais ao longo de sua formação.

Para Brasileiro (2020) com o desenvolvimento físico também surgem as transformações no psiquismo, com isso, propiciando as ferramentas necessárias para a elaboração e apropriação de conteúdos históricos e sociais. A base da formação da

personalidade seria as transferências de relações sociais externas ao interior e com isso ocorreria a conversão em funções da personalidade (Vygotski, 1996) partindo deste ponto de vista, podemos compreender que quando as interações sociais são permeadas de emoções negativas, a internalização de si próprio será distorcida, introjetando visões negativas de si e de seu meio. Há uma relação muito próxima entre as atividades guias da infância, aquelas que estão presentes em cada fase do desenvolvimento, com a construção da personalidade, sendo estas cruciais para o desenvolvimento psíquico, essas orientam o ser humano de maneira concreta e possibilitam o surgimento de outras atividades (Anjos, 2013).

A família também executa um papel primordial ao desenvolvimento, impactando, tanto positivamente quanto negativamente no desenvolvimento das funções psíquicas. Pesquisas como a de Maciel e Rosenberg (2006) demonstram os impactos que famílias carentes podem ter na constituição da personalidade de um ser, considerando fatores estressantes e desestabilizadores das condições emocionais. Segundo Santos (2016) para que a criança desenvolva sua personalidade é muito importante o contato físico com a mãe desde os primeiros momentos do nascimento, quando esta consegue perceber as angústias do bebê, consegue tolerá-las, aplacar os menos e criar a sensação de confiança no mundo exterior como um local passível de desenvolvimento.

Pode-se pensar em diversas sensações ao longo do desenvolvimento que propiciam a acomodação de novos modos de agir e a incorporação ao seu funcionamento, uma destas, é o sentimento de estima, que, segundo Scaglia et. al (2018) é fundamental no processo de aprendizagem e possibilita o aprimoramento de competências e habilidades. A forma como os pais suprem as necessidades do filho fornece condições básicas para o desenvolvimento de uma personalidade saudável, criando indivíduos capazes de estabelecer e manter relações satisfatórias (Valério; Moraes, 2018).

As emoções ocupam um papel importante na forma como interpretamos as interações com o meio, com o limiar teórico visto acima, pode-se interpretar que o contato com a mãe e os sentimentos advindos desde, criam uma base segura de desenvolvimento infantil, assim como a falta de contato e o sentimento de desamparo, pode gerar uma falta irreparável na constituição do ser. Ao sermos criados em famílias carinhosas, há a propensão que nossos neurônios espelho nos levem a replicar estes comportamentos e com isto, propagar em nosso meio social sendo, portanto, interpretados como indivíduos amorosos, assim como ao ter o contato apenas com a violência, passamos a entender que a resposta para situações estressoras será um comportamento agressivo, constituindo assim, uma personalidade agressiva (LUZIA, 2019).

A neurociência também estuda o efeitos de comportamentos no desenvolvimento cerebral, a emissão de comportamentos agressivos frequentes alteram a estrutura cerebral, que foi correlacionada pela pesquisa de Higgins e George (2010) ao desenvolvimento de personalidades agressivas ou submissas, uma vez que gera mudanças no sistema nervoso antes, durante e após o episódio. Problemas durante o processo de desenvolvimento da personalidade podem gerar os chamados “transtornos de personalidade”, sabe-se que as causas destes são variadas e não derivam de apenas um momento do desenvolvimento, no entanto, dependendo das combinações das sensibilidades das crianças, o desenvolvimento de repertórios operantes, o suporte emocional e os valores familiares o transtorno poderá ou não ser instalado (Luzia et. al, 2019).

CONCLUSÃO

Por tanto, ao tentarmos interligar as emoções à formação da personalidade nos deparamos com diversas teorias, uma vez que o assunto é de extrema importância para a compreensão do ser humano, foi e é de interesse de diversos teóricos e pesquisadores (Hughes, 2020). Uma boa compreensão sobre ambos os aspectos abre uma gama de possibilidades de intervenção através da clínica, pois, a partir do momento que há uma interpretação do funcionamento do ser, pode-se auxiliar no desenvolvimento de repertório comportamental ao se defrontar com momentos que geram forte impacto emocional.

Compreende-se que as emoções sentidas ao longo do desenvolvimento humano, geram impactos fisiológicos e no funcionamento comportamental, desta forma, afetando a personalidade do indivíduo (Dollar, 2022). Não há como privar o ser humano de sentimentos negativos durante toda a vida, da mesma forma que não é saudável lhe retirar de situações que geram frustração, deste modo, a família ocupa um papel primordial em momentos como estes, servindo de amparo e criando repertório, não apenas com a instrução e o amparo das crianças, mas com comportamentos que reafirmam o que é dito, gerando modelos comportamentais e sociais a serem seguidos (Luzia et. al, 2019).

Mesmo ocupando grande papel na constituição do ser, a família não é a única variável impactante, relações bem sucedidas na escola, trabalho e outros meios sociais geram importantes significantes ao senso de pertencimento de um indivíduo, além de tarefas de seu cotidiano que permitem a sensação de autossuficiência de competência (Nislin; Pesonen, 2019). Ao olhar para a constituição do ser, deve-se compreender que um único evento não definirá todo o funcionamento, mas poderá criar uma cadeia de outros eventos e sensações que irão definir a forma como o indivíduo se vê e como se mostra aos outros (Dias, 2025).

No entanto, o homem se modifica e aprende constantemente em relação ao seu mundo, a partir de recursos que lhe são fornecidos, em seu aspecto emocional, pode ser compreendido como síntese das relações sociais, e neste sentido, as emoções são datadas historicamente e são construídas a partir das condições de criação que são possibilitadas (Luzia et. al, 2019). Isto posto, a personalidade e as respostas às emoções podem ser modificadas durante toda a vida, porém a forma como a personalidade se apresenta e é definida de acordo com a teoria, tende a manter uma constância de traços, podendo variar suas intensidades em diferentes fases.

REFERÊNCIAS

AMINJANOVNA, A. Relações Interpessoais e Formação da Personalidade. São Paulo: Editora Delta. 2013.7

ANJOS, M. L. Desenvolvimento da Personalidade: Uma Abordagem Histórico-Cultural. Rio de Janeiro: Editora Ômega. 2013.

ANJOS, R. PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DO ADOLESCENTE. <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2941>: São Paulo: Ícone, 2013.

BAUMEISTER, R. F., Vohs, K. D., DeWall, C. N., & Zhang, L. (2007). How emotion shapes behavior: Feedback, anticipation, and reflection, rather than direct causation. *Personality and Social Psychology Review*, 11(2), 167-203.

BRASILEIRO, J. OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DE ADOLESCENTES: Dissertação de mestrado. 1. ed.2020. 185 p. v. 1.

DIAS, A. C. G. (2025). Eventos de vida e construção da identidade na adultez emergente. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais*, 27(2), 123-135. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

DOLLAR, J. M.; PERRY, N. B.; CALKINS, S. D.; SHANAHAN, L.; SHRIVER, L.; WIDEMAN, L. Longitudinal associations between specific types of emotional reactivity and psychological, physical health, and school adjustment. *Development and Psychopathology*, v. 35, n. 2, p. 509-523, 2022.

ERIKSON, E. H. (1968). *Identity: youth and crisis*. New York: Norton.

FEIST, J.; FEIST, G.J.; ROBERTS, T. Teorias da personalidade-8. AMGH Editora, 2015.

FERNANDES, N. S.; SILVA, J. R. F. Fatores Importantes na Formação da Personalidade do Adolescente. *Vistacien*, Mauá, 1, 97-109.

Fonseca, V. (2016). Importância das emoções na aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, 33(102), 365–384. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n102/14.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

GREENBERG, L. S., & Safran, J. D. (1987). The role of emotions in the development and organization of personality. In J. D. Safran & L. S. Greenberg (Eds.), *Emotion, Psychotherapy, and Change* (pp. 112-134). Guilford Press.

GREENBERG, L. S. (2019) Theory of functioning in emotion- focused therapy. In L. S. Greenberg e R. N. Goldman, *Clinical handbook of emotion- focused therapy* (pg. 37-59) American Psychological Association.

HIGGINS, E. S., & GEORGE, S. M. (2010). Neurociências para psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artmed.

HUGHES, D. J.; KRATSIOTIS, I. K.; NIVEN, K.; HOLMAN, D. Personality traits and emotion regulation: a targeted review and recommendations. *Emotion*, v. 20, n. 1, p. 63-67, 2020.

ITO, P. do C. P., & GUZZO, R. S. L. (2002). Diferenças individuais: temperamento e personalidade; importância da teoria. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 19(1), 91–100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100008>

JAMES, W. O que é uma emoção? Tradução de R. S. Nascimento. *Clínica & Cultura*, v. 2, n. 1, p. 95-113, 2013.

LARSEN, P. M.; LARSEN, T. M.; KNÄUPER, J. A.; HOARD, M. *Personality influences in appraisal-emotion relationships: the role of neuroticism. Journal of Research in Personality*, v. 44, n. 6, p. 841-847, 2010.

LAZARUS, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press.

LUZIA, J. C. (ORG.). *Psicologia e análise do comportamento: pesquisa e intervenção*. Londrina: UEL, 2019.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S.. Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*, v. 16, n. 4, p. 647–657, out. 2011.

MACIEL, R. DE A.; ROSEMBURG, C. P. A relação mãe-bebê e a estruturação da personalidade. *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 96–112, maio 2006.

MCNIAL, J. M. & FLEESON, W. (2006). the causal effects off extraversion on positive affect and neuroticism in an experimental approach. *Journal of Research in Personality*, 40, 529-550.

MENDES, M. A. (2015). Terapia focada nas emoções e processos de mudança em psicoterapia. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 11 (2), 96-104.

NISLIN, M; PESONEN, H. Associations of self-perceived competence, well-being and sense of belonging among pre- and in-service teachers encountering children with diverse needs. *European Journal of Special Needs Education*, v. 34, n. 4, p. 424-440, 2019.

NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S.; NUNES, M. O. Bateria fatorial de personalidade: manual técnico. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, L. F.; SANTOS, J. C. C. O cérebro e as Emoções: A neurociência das Relações Humanas. 1º ed. Brasília: Viva EditORA, 2021.

ROBERTS, B. W.; MROCZEK, D. Personality trait change in adulthood. *Current directions in psychological science*, v. 17, n. 1, p. 31-35, 2008. Disponível em: <Personality Trait Change in Adulthood - Brent W. Roberts, Daniel Mroczek, 2008> Acesso em: 15 de nov. 2024.

SANTOS, G.P. A Infância na Psicologia Analítica: Fantasias e Perspectivas sobre Desenvolvimento da Personalidade, 2021., 166 pg, Mestrado em Psicologia- Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del Rei. Disponível em: DISSERTACAO GUSTAVO FINAL. pdf. Acesso em: 13/10/2025.

SANTOS, D.S. O impacto da figura paterna no Desenvolvimento emocional e da Personalidade dos filhos. *Rev. Unoesc & Ciência - ACBS*, v. 7, n. 1, p. 97-104, 2016.

SCAGLIA, A. P.; MISHIMA-GOMES, F. K. T.; BARBIERI, V. Paternidade em Diferentes Configurações Familiares e o Desenvolvimento Emocional da Filha. *Psico-USF*, v. 23, n. 2, p. 267-278, 2018.

SKINNER, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Knopf.

SILVA, M. A. DA.. Terapia Cognitiva-Comportamental: da teoria a prática. *Psico-USF*, v. 19, n. 1, p. 167-168, jan. 2014.

VALÉRIO, G. A.; MORAES, R. P. O desenvolvimento da personalidade infantil. *Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2018.

VIGOTSKY, L.S. (1996). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKY, L. S. (1997). *Conscience, inconscient, emotions*. Paris: La Dispute.